

MARIA MONTESSORI

EDUCAÇÃO  
PARA UM  
MUNDO NOVO

Tradução de  
Viviana Parreira

alma  
dos  
livros

## *Capítulo Um*

# INTRODUÇÃO

O objetivo deste livro é demonstrar e defender os grandes poderes da criança e ajudar os educadores a olhar de outra forma para a sua profissão. Esta nova perspectiva vai ser transformadora: o que atualmente é penoso passará a ser uma alegria, e o que é repressão será, de agora em diante, uma colaboração com a natureza. O nosso mundo foi destruído e é necessário reconstruí-lo. A generalidade dos pensadores considera que a educação desempenha um papel fundamental nessa reconstrução, pelo que é necessário apoiá-la, tanto quanto urge regressar à prática religiosa. No entanto, a humanidade ainda não está pronta para a evolução que deseja tão apaixonadamente: a construção de uma sociedade pacífica e harmoniosa, que erradique a guerra. Os humanos não são suficientemente instruídos para controlar os acontecimentos, tornando-se vítimas dos mesmos. As ideias nobres e os sentimentos grandiosos sempre encontraram expressão, mas as guerras não terminaram! Se a educação persistisse nos velhos moldes da mera transmissão do conhecimento, o problema seria insolúvel

e não haveria esperança para o mundo. Apenas a investigação científica sobre a personalidade humana pode salvar-nos, se entendermos que em cada criança reside uma entidade psíquica, um imenso grupo social, até uma verdadeira potência mundial, e se lidarmos com ela de forma acertada. A salvação e a ajuda, a existirem, só poderão vir da criança, que é quem constrói o adulto e a sociedade. A criança é dotada de um poder interior que nos pode guiar a um futuro mais luminoso. A educação deve deixar de ser entendida como maioritariamente transmissão de conhecimento, devendo enveredar por um novo caminho, em busca da libertação das potencialidades humanas. E quando deverá começar esta educação? A nossa resposta é que a grandeza da personalidade humana surge no nascimento; esta é uma afirmação cheia de realidade prática, ainda que incontestavelmente mística.

A vida psíquica do recém-nascido já despertou um grande interesse entre a comunidade científica, levando cientistas e psicólogos a observarem bebês entre as três horas e os cinco dias de vida. Estes estudos concluíram que os primeiros dois anos de vida são os mais importantes. A observação demonstra que as crianças pequenas são dotadas de poderes psíquicos especiais e aponta para novas maneiras de fazer com que estes se manifestem (educando, literalmente) em cooperação com a natureza. A energia construtiva da criança, viva e dinâmica, um verdadeiro filão de ouro na mente, permaneceu desconhecida durante milhares de anos, tal como os primeiros seres que pisaram esta

terra desconheciam as imensas riquezas que jaziam escondidas nas suas profundezas. O ser humano está tão longe de reconhecer as riquezas submersas no mundo psíquico da criança que procurou, desde o início, reprimir essas energias e aniquilá-las. Pela primeira vez, algumas pessoas começam a desconfiar que estas competências existem de facto, sendo um tesouro mais precioso que o ouro e nunca explorado: a verdadeira alma humana.

A observação dos dois primeiros anos de vida da criança lançou uma nova luz sobre as leis da construção psíquica, mostrando que a psicologia infantil é completamente diferente da do adulto. Começa aqui, pois, um novo caminho, no qual o educador não ensinará a criança, sendo esta que ensinará o educador.

Isto pode parecer absurdo, mas torna-se claro à medida que a verdade transparece: a mente da criança absorve o conhecimento, instruindo-se a si própria. Tal é facilmente comprovado pela aquisição de linguagem por parte da criança – um grande feito intelectual. A criança de dois anos fala a língua dos seus pais, embora ninguém a tenha ensinado. Todos os investigadores que estudaram este fenómeno concordam que a criança, em determinado momento da vida, começa a usar nomes e palavras ligadas ao seu ambiente, dominando rapidamente o uso de todas as irregularidades e construções sintáticas que se virão a demonstrar obstáculos tremendos para os estudantes adultos de uma língua estrangeira. Assim, dentro da criança reside um educador minucioso e exigente,

capaz até de aderir a um calendário de ensino. Aos três anos de idade, esta já adquiriu competências que um adulto só conseguiria conquistar ao fim de 60 anos de trabalho duro – assim nos asseguram vários psicólogos.

Deste modo, a observação científica concluiu que a educação não é o que o educador dá; é um processo natural, realizado espontaneamente pelo indivíduo humano, não por ouvir palavras, mas por acumular experiências sobre o meio ambiente. A tarefa do educador passa então a ser a preparação de uma série de incentivos que estimulem a atividade cultural, desenvolvidos num ambiente especialmente preparado, e abstendo-se, de seguida, de interferências intrusivas. Os educadores só podem contribuir para o grande trabalho que está a ter lugar da mesma forma que o servo ajuda o mestre. Ao fazê-lo, irão testemunhar o desenvolvimento da alma humana e o surgimento de um Novo Ser Humano, que deixará de ser vítima dos acontecimentos, possuindo a clareza de visão para controlar e moldar o futuro da sociedade humana.

## *Capítulo Dois*

# A DESCOBERTA E O DESENVOLVIMENTO DO SISTEMA MONTESSORI

Se há que reformar a educação, então esta deverá passar a centrar-se nas crianças. O estudo dos grandes educadores do passado, como Rousseau, Pestalozzi e Froebel, já não é suficiente; esse tempo já passou. Vou mais longe, renunciando desde já ao título de maior educadora deste século, pois o que fiz foi limitar-me a estudar a criança, apreender e expressar o que ela me transmitiu, e é a isso que chamam Método Montessori. Quando muito, fui uma intérprete da criança. Conto com uma experiência de 40 anos, tendo iniciado o meu percurso com o estudo de crianças portadoras de deficiência, que procurei ajudar de acordo com as abordagens da psicologia e da medicina. Nessa altura, os meus estudos levaram-me a concluir que, com base nesta nova abordagem da cooperação com a parte subconsciente das suas mentes, estas crianças adquiriram aprendizagens significativas. Assim, e no seguimento destes resultados, decidimos alargar a investigação a crianças sem problemas

cognitivos, a partir dos três anos de idade, tendo sido fundadas Casas de Crianças nos bairros mais pobres de Roma. Os visitantes dessas escolas ficavam maravilhados ao encontrarem meninos de quatro anos a ler e a escrever, perguntando-lhes: «Quem te ensinou a escrever?», ao que os pequeninos respondiam, espantados com a pergunta: «Ensinar? Ninguém me ensinou; aprendi sozinho!» A imprensa começou a fazer alarde desta «aquisição espontânea de cultura» e os psicólogos estavam convencidos de que estas crianças eram especialmente talentosas. Durante algum tempo, eu própria partilhei dessa convicção, mas as experiências alargadas depressa me demonstraram que todas as crianças possuíam esses poderes, pelo que os anos mais preciosos estavam a ser desperdiçados, sendo o desenvolvimento em grande parte frustrado pela ideia falaciosa de que a educação só era possível depois dos seis anos. A leitura e a escrita são as competências essenciais para o desenvolvimento da cultura, sendo impossível adquirir outras sem dominar previamente estas, algo que, ao contrário da fala, não é natural para o ser humano. Normalmente, considera-se que a escrita é uma tarefa de tal forma árida que só pode ser dada a crianças mais velhas. No entanto, eu familiarizei crianças de quatro anos de idade com as letras do alfabeto, repetindo com elementos sem problemas cognitivos as experiências que desenvolvera com os portadores de deficiência. Concluí que a simples apresentação diária de letras individuais não tinha impacto junto destas, mas, ao mandar gravar as formas das

letras em madeira e ao deixar que passassem os dedos pelos sulcos, elas reconheceram-nas de imediato. Mesmo as com deficiência conseguiam escrever um pouco, após algum tempo, através deste sistema. Percebi então que o sentido do tato deve constituir uma grande ajuda para as crianças que ainda não se desenvolveram totalmente, pelo que fiz letras simples, que elas pudessem seguir com as pontas dos dedos. Quando as crianças sem deficiência receberam esta ferramenta, deu-se um fenómeno muito inesperado: as letras foram-lhes apresentadas na segunda quinzena de setembro; nesse mesmo Natal, já foram capazes de escrever cartas! Estávamos longe de imaginar que o processo seria de tal forma rápido. Além disso, as crianças começaram a fazer perguntas sobre as letras, associando cada uma a um som. Pareciam ser pequenas máquinas de absorção de todo o alfabeto, como se existisse nas suas mentes um vácuo que o atraía. Fiquei surpreendida, muito embora o fenómeno seja de fácil explicação. As letras eram um estímulo, ilustrando a linguagem que a criança já possuía na sua mente e ajudando-a a analisar as suas próprias palavras. Nos casos em que a criança conhecia apenas algumas letras, se pensasse numa palavra que incluísse sons diferentes daqueles que ela já conseguia representar, era natural que os quisesse conhecer. Sentia, assim, um desejo interior de obter mais e mais conhecimento, e começava a soletrar palavras que já sabia usar no discurso verbal. Independentemente do comprimento e da dificuldade da palavra, era capaz de a representar se

o educador a ditasse, escolhendo as letras necessárias a partir de compartimentos de uma caixa. Se um educador dissesse uma palavra rapidamente, de passagem, constatava de seguida que a criança a escrevera, com as letras móveis. Para estas criaturinhas de quatro anos, era suficiente ditar a palavra uma única vez. Já as de sete anos ou mais precisam de muitas repetições antes de conseguirem apreender palavras corretamente. Tal facilidade de aquisição deve-se, obviamente, a este período especial de sensibilidade; nesta idade, a mente das crianças é como cera quente, extremamente suscetível a estímulos que não seriam assimilados uns anos mais tarde, depois de esta maleabilidade especial ter desaparecido.

O fenómeno da escrita é outro resultado do trabalho que se processa dentro da criança. Com base na compreensão de como funciona a formação das palavras, a partir da fonética, a criança analisou-as e foi capaz de as representar através do alfabeto móvel. Visto estar familiarizada com as letras, por lhes ter tocado repetidas vezes, reconhecia a sua forma. Assim, a escrita ocorria de forma espontânea, semelhante a uma explosão, tal como acontecera com o discurso. Quando este mecanismo é estabelecido, e amadurece, a criança domina a língua como um todo. Esta aprendizagem é diferente da que acontece nas escolas comuns, onde as crianças aprendem as letras de forma individual e, de seguida, a combinar duas. Se já sabem uma ou duas, estão preparadas para o resto. A criança sabe escrever, pelo que é capaz de o fazer recorrendo à língua

no seu todo. Escreve constantemente, usando esta competência não como uma forma de obediência fria a um dever, mas com entusiasmo, como resposta a um impulso. Estas crianças usavam tudo o que tinham à mão para escrever; por exemplo, escreviam na estrada ou na parede, com giz. Em qualquer espaço livre, fosse adequado ou não, passámos a encontrar palavras escritas; numa ocasião, até num pão! Os pais das crianças, anal-fabetos, não tinham papel nem lápis, tendo de recorrer a nós para satisfazer estas necessidades delas. Quando lhes facultávamos estes objetos, as crianças adormeciam de lápis na mão, escrevendo até ao último momento dos seus dias.

Inicialmente, pensámos em facilitar-lhes a vida, dando-lhes papel pautado com espaçamento duplo, que ia reduzindo progressivamente. Mas depressa percebemos que as crianças eram capazes de escrever com igual facilidade, independentemente do espaço entre as linhas. Algumas delas até gostavam de escrever com a letra mais pequena possível, desde que não compromettesse a legibilidade. O mais curioso é que escreviam maravilhosamente, melhor que os alunos do terceiro ano de outras escolas. A caligrafia de todos os pequenos era semelhante, pois todos tinham tocado nas mesmas letras e as suas memórias musculares tinham fixado as mesmas formas.

Estas crianças sabiam escrever, mas não sabiam ler. À primeira vista, esta realidade pode parecer algo extraordinária e absurda, mas, se refletirmos mais cuidadosamente, constataremos que não o é.